

CONHECER A NOVA GAIA – 4400. O HIP-HOP E A CONSOLIDAÇÃO DAS CENAS CULTURAIS JUVENIS EM PORTUGAL

TO KNOW NOVA GAIA - 4400. HIP-HOP AND THE CONSOLIDATION OF YOUTH CULTURAL SCENES IN PORTUGAL

CONNAÎTRE LA NOVA GAIA - 4400. LE HIP-HOP ET LA CONSOLIDATION DES SCÈNES CULTURELLES JUVÉNILES AU PORTUGAL

CONOCER LA NOVA GAIA - 4400. HIP-HOP Y LA CONSOLIDACIÓN DE ESCENAS CULTURALES JUVENILES EN PORTUGAL

Lídia Pinheiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

RESUMO: O objetivo deste artigo assenta na apresentação dos resultados de uma investigação realizada sobre o *hip-hop* e a consolidação das cenas culturais juvenis em Portugal, em particular, na cidade de Vila Nova de Gaia. Quando se aborda a questão das (sub)culturas juvenis é possível observar que estas se afirmam através da adoção de uma determinada estética, postura e sonoridade, que no caso do *hip-hop* passa, sobretudo, pela transformação do próprio movimento numa *arma política* que exige direitos a uma vida melhor. O nosso principal foco prende-se, portanto, com a compreensão de como este movimento cultural se desenvolve na cidade eleita, assim como o papel que desempenha na construção identitária dos jovens pertencentes à vertente do *rap*.

Palavras-chave: *hip-hop*, cenas musicais, (sub)culturas juvenis, identidade.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the results of an investigation conducted on *hip-hop* and the consolidation of youth cultural scenes in Portugal, particularly in the city of Vila Nova de Gaia. When addressing the issue of (sub)youth cultures it is possible to observe that they are affirmed through the adoption of a certain aesthetics, posture and soundness, which in the case of *hip-hop* is above all the transformation of the movement itself into a *political weapon* that demands the right to a better life. Our focus, therefore, is on understanding how this cultural movement develops in the chosen city, as well as the role it plays in the identity construction of young people belonging to *rap*.

Keywords: *hip-hop*, music scenes, (sub) youth cultures, identity.

RÉSUMÉ: L'objectif de cet article repose dans la présentation des résultats d'une recherche menée sur le *hip-hop* et la consolidation de las scènes culturelles des jeunes au Portugal, en particulier, dans la ville de Vila Nova de Gaia. Quand on aborde la question des cultures de (sous)cultures juvéniles est possible de constater qu'elles s'affirment par l'adoption d'une certaine esthétique, posture et sonorité, qui dans le cas du *hip-hop* passe, surtout, par la transformation du mouvement lui-même en une *arme politique* qui exige droit à une vie meilleure. Notre objectif principal est donc de comprendre comment ce mouvement culturel se développe dans la ville élue, ainsi que son rôle dans la construction identitaire des jeunes appartenant au volet du *rap*.

Mots-clés: *hip-hop*, scènes de musique, (sous)cultures juvéniles, identités.

RESUMEN: El objetivo de este artículo se basa en la presentación de los resultados de una investigación realizada sobre el *hip-hop* y la consolidación de escenas culturales juveniles en Portugal, particularmente en la ciudad de Vila Nova de Gaia. Al abordar el tema de las (sub) culturas juveniles, es posible observar que se afirman mediante la adopción de una cierta estética, postura y sonoridad, que en el caso del *hip-hop* pasa, sobre todo, por la transformación del movimiento en un arma política que exige derechos a una vida mejor. Nuestro enfoque principal está relacionado, por lo tanto, con el entendimiento de cómo este movimiento cultural se desarrolla en la ciudad elegida, así como el papel que desempeña en la construcción de identidad de los jóvenes pertenecientes al *rap*.

Palabras-clave: *hip-hop*, escenas musicales, (sub) culturas juveniles, identidad.

4400 Gaia Nova, Candal meu Candal orgulha a terra a gente prova
Beira-Rio a Vila D'este, Quebrantões a Cabe-Mor
Agora aumenta o volume hardcore isto é pa gente que mora em
4400 Gaia Nova, Candal meu Candal orgulha a terra a gente prova
Coimbrões a Canidelo da Cimopre pra Afurada
Baixa o vidro aumenta o volume, tráfico vida pesada.
(Deau, 2012)

1. Introdução

O presente artigo prevê a exposição dos resultados obtidos através da investigação realizada no âmbito do mestrado em sociologia⁸⁰ sobre a análise da interligação entre juventude, identidade e movimento *hip-hop*, em particular a vertente do *rap*, no contexto sócioespacial de Vila Nova de Gaia (Pinheiro, 2019). A investigação recaiu sobre o contributo para o conhecimento das realidades juvenis inerentes ao movimento *hip-hop*, assim como da construção identitária dos jovens a par das suas perspetivas, vivências e percursos de vida. A escolha do tema ergueu-se perante um interesse pessoal da investigadora, que deve ser realçado, em temas relacionados com a cultura *hip-hop* e, conseqüentemente, com o processo que orienta a criação da identidade juvenil. Assiste-se, portanto, a uma dupla hermenêutica que consideramos ser de extrema importância, dado a possibilidade de desenvolvimento e profundidade assinaláveis para a investigação. Nas palavras de Pierre Bourdieu (1996: 17):

O amor da arte, como o amor, mesmo e sobretudo o mais louco, sente-se fundado no seu objecto. É para se convencer de ter razão em (ou razões de) amar que recorre com tanta frequência ao comentário, essa espécie de discurso apoloético que o crente dirige a si próprio e que, além de ter pelo menos como efeito redobrar a sua própria crença, pode ainda despertar e convocar os outros para a mesma crença. É por isso que a análise científica, quando é capaz de trazer à luz do dia aquilo que torna a obra de arte necessária, ou seja, a fórmula informadora, o princípio gerador, a razão de ser, fornece à experiência artística e ao prazer que a acompanha, a sua melhor justificação, o seu elemento mais rico.

A investigação teve como eixo principal os jovens de Vila Nova de Gaia pertencentes ao movimento *hip-hop*, com destaque para a vertente do *rap*. Perante as especificidades do objeto de estudo mencionado, as questões surgiram: *Qual o papel da cultura hip-hop na génese, desenvolvimento e consolidação das cenas culturais juvenis em Vila Nova de Gaia? Qual a importância do hip-hop no concelho de Gaia e a sua aformação no quadro do país? Quais as trajetórias e percursos dos jovens da cena?* Perante tais questões equacionamos a hipótese de que, de facto, o movimento *hip-hop* ao ser considerado uma nova realidade cultural juvenil leva ao crescimento do interesse para novas leituras, tendo em vista formatos que levam a repensar o espaço e a estrutura societária (Martins, 2012: 67). Dito de outra forma, o *hip-hop* auxilia o entendimento das culturas contemporâneas, uma vez que é interpretado como um vetor de comunicação e identificação, ao mesmo tempo que possui dispositivos de força no coletivo, de fusão e pertença, dando origem à reivindicação de direitos identitários (Martins, 2012: 67).

Perante tal hipótese e com a necessidade sentida de aproximação da investigadora à realidade social estudada, optamos pela escolha de um caminho direcionado para uma metodologia

⁸⁰ Dissertação intitulada "4400 – Nova Gaia. O *hip-hop* e a consolidação das cenas culturais juvenis em Portugal." realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia – Curso de 2.º Ciclo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra, defendida no dia 07 de novembro de 2019 e referenciada neste artigo como Pinheiro (2019).

qualitativa. A metodologia qualitativa, de acordo com John W. Creswell (2007: 186) ocorre num cenário natural em que o investigador se desloca ao local onde se encontra o seu público alvo, o que permite ao mesmo ter um conhecimento mais aprofundado sobre os atores sociais e/ou local e, desta forma, estar envolvido nas experiências reais do seu objeto de estudo. Assim, considerando o caminho metodológico escolhido, procedeu-se à escolha de duas técnicas primordiais que visaram a resposta às questões anteriormente levantadas: pesquisa e análise documental – de artigos de jornal/revistas e entrevistas a atores sociais que participam na cultura *hip-hop* em Vila Nova de Gaia desde os seus primórdios, bem como a análise das canções de artistas gaienses – e entrevistas (em forma de história de vida) – sendo que foram realizadas dez entrevistas a jovens *rappers* da cidade de Vila Nova de Gaia com o intuito de conhecer as suas realidades, opiniões, valores, sentimentos e representações perante o *hip-hop*. De seguida, faremos uma breve explanação das abordagens da juventude(s), culturas e subculturas juvenis, passando pelas cenas. Posteriormente, e seguindo ainda uma linha teórica, apresentaremos a relevância do movimento *hip-hop*. Por fim, passaremos à apresentação e análise dos testemunhos dos jovens, que reconhecemos como portadores da informação mais fidedigna.

2. Informação ao Núcleo⁸¹

Juventude(s), culturas juvenis e (sub)culturas

Quando se aborda o conceito de *juventude* no âmbito sociológico o seu surgimento data os finais dos anos 20 do século passado, através dos estudos da Escola de Chicago. Caracterizava-se por ser um conceito intimamente ligado a termos biológicos como, por exemplo, patologias e desequilíbrios. Segundo Machado Pais (1993: 33) o conceito de juventude pode ser analisado de acordo com duas componentes “como aparente *unidade* (quando referida a uma fase da vida) e como *diversidade* (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)”. A fase da juventude caracteriza-se por ser uma fase da vida instável, uma vez que os primeiros conflitos entre os indivíduos se verificam nesta fase (Conde, 1990; Pais, 1993). A presença das duas componentes mencionadas reforça a perspectiva de que aquilo que se torna fundamental compreender na juventude não são apenas as semelhanças entre indivíduos, mas sobretudo aquilo que os distingue.

Assim, a juventude não se caracteriza por ser socialmente homogénea, dado que existe vários fatores distintivos entre os indivíduos, como é o caso dos interesses, origens sociais e perspetivas futuras (Pais, 1993: 33). Portanto a juventude, por um lado, apresenta-se como um conjunto aparentemente homogéneo e, por outro lado, como um conjunto heterogéneo. Por outras palavras, Pais (1993: 34-35) quer dizer com isto que a juventude se vê homogénea quando se compara com outras gerações e heterogénea quando é avaliada como um conjunto social com atributos sociais que são fatores de diferenciação entre os jovens. A complexidade inerente ao conceito de juventude dá origem a um novo conceito: *cultura juvenil*. Este conceito define-se como o sistema de valores atribuídos socialmente à juventude, ou seja, valores presentes na vida de jovens com diferentes meios e condições sociais (Pais, 1993: 54). Contudo, os jovens, nomeadamente, os da sociedade britânica deixaram de acreditar nos valores globais que nela estavam impostos e, por esse motivo, assistiu-se à criação de múltiplas *subculturas juvenis*, que eram entendidas como possíveis culturas desviantes quando comparadas com a cultura dominante

⁸¹ Título inspirado na canção de Fuse “Informação ao Núcleo” de 2001.

das gerações mais velhas. Tendo em conta a complexidade e multidimensionalidade das subculturas juvenis consideramos crucial uma atenta análise às diferenças entre as mesmas e no próprio contexto interno. São duas as dimensões fundamentais na interpretação das subculturas juvenis: a noção de resistência e os rituais de consumo.

Ora, a noção de resistência enquanto resistência simbólica acaba por ser transversal a todas as dimensões das subculturais juvenis. Expressa-se na apropriação que as subculturas fazem do estilo e do significado que lhe atribuem sendo que a utilização de um vestuário e *look* próprios se tornam elementos de transmissão de uma ideologia (Guerra & Quintela, 2018: 31). No que respeita aos rituais de consumo acabam por apropriar e inverter significados culturais através do consumo de moda, música e outros bens de lazer quotidianos. É através destes rituais que a subcultura revela o seu “segredo” de identidade e comunica os seus significados interditos (Williams, 2001: 576 in Guerra & Quintela, 2018: 31).

O conceito de subculturas com o passar dos tempos foi substituído por outros. Como substitutos surgiram os conceitos de *tribo* e de *neo-tribalismo* que assumiram um grande relevo em torno das culturas e das sociabilidades juvenis. O principal objetivo passava pela compreensão de um novo contexto social marcado pela existência de novas comunidades, resultado do desejo de pertença (Guerra & Quintela, 2018).

Das (sub)culturas às cenas

Apesar dos conceitos substitutos mencionados, o de *cena* foi aquele que despertou um maior interesse e aplicabilidade em diferentes áreas, como a sociologia, a geografia e a antropologia, devido à capacidade que possui de leitura do espaço, na sociedade urbana contemporânea (Guerra, 2010: 441-442). Este conceito surgiu em 1940 ao ser utilizado por jornalistas de modo a caracterizar os modos de vida marginal e boémio dos indivíduos associados ao *jazz* (Bennett e Peterson, 2004: 2). Surge, ainda, associado a “estudos sobre sonoridades de locais específicos, com o intuito de torná-los (ou pretender torná-los) teoricamente mais inovadores do que realmente são, enquanto que outros autores o adoptam no sentido de dar conta de um espaço cultural que transcende o espaço local.” (Guerra, 2010: 441). Assim, podemos afirmar que as cenas caracterizam os indivíduos que se identificam com determinado estilo musical e os espaços que são eleitos para a realização e reprodução das práticas sociais próprias de cada grupo.

A perspectiva de Bennett e Peterson (2004: 6) propõe a leitura do conceito de cenas de modo tripartido: cenas locais, translocais e virtuais. No que concerne às cenas locais, são encaradas como a atividade social que ocorre num determinado segmento geográfico ao longo de um determinado período de tempo onde produtores, músicos e fãs percebem o seu gosto musical comum. As cenas translocais referem-se a cenas locais amplamente espalhadas e que aludem formas distintivas de música e estilos de vida, como os festivais de música, dado que envolvem a interconexão de diversas cenas locais, atraindo indivíduos com diferentes gostos (Bennett & Peterson, 2004: 6). No que se refere às cenas virtuais, estas caracterizam-se pela proliferação na internet de grupos de fãs dedicados a artistas e/ou grupos, acontece que os indivíduos estão separados geograficamente, mas é-lhes possibilitado o diálogo mundial. No fundo, o conceito de cena é encarado como instrumento interpretativo, que deve, por um lado “conduzir a uma análise de interconectividade entre os atores sociais e os espaços sociais das cidades, facilitando deste modo a compreensão da dinâmica das forças existentes – sociais, económicas e institucionais – que influenciam a expressão

cultural coletiva.” e, por outro lado, proporcionar “uma cartografia rica das relações das cenas musicais com outras cenas culturais – como a teatral, a literária e a cinematográfica -, dando enfoque tanto ao seu caráter heterógeneo, quanto aos fatores unificadores e, deste modo, questionando a rigidez do modelo subcultural.” (Guerra & Quintela, 2018: 203).

3. A cena *hip-hop* de Vila Nova de Gaia

As origens do movimento *hip-hop* remetem para os subúrbios de Nova Iorque, local onde estavam presentes inúmeros problemas – violência, pobreza, tráfico de droga, racismo – surge relacionado com vários fatores, quer de caráter social, mas também económico, cultural e político (Gravato, 2017: 49). Deste modo, é possível afirmar que o *hip-hop* surgiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de *status* social para jovens, numa comunidade, em que as instituições de apoio não marcavam presença. Assim, surge associado a várias expressões da cultura de rua da juventude urbana (Simões, 2010: 33). O movimento acaba por constituir uma ética e estética inovadoras para a juventude pobre, com o principal intuito de criar uma alternativa ao modo de vida dos jovens, valorizar a cultura popular e as diferenças étnico-raciais. A ligação de três vertentes⁸² faz com que o *hip-hop*, tanto do ponto de vista performativo como do ponto de vista do consumo, forme um movimento cultural único (Simões, 2010: 34). Portanto, as vertentes dizem respeito ao *graffiti* que constitui a vertente visual, o *rap* – inclui o *mcing* e *djing* – constitui a vertente musical e, por fim, o *breakdance* que remete para a vertente gestual do movimento. Achamos conveniente lembrar que o *hip-hop* é fruto de diversos processos históricos, culturais e socioeconómicos o que leva a que as próprias vertentes não sejam projetadas como um todo, mas se caracterizem pelo resultado natural de circunstâncias existentes no meio envolvido (Gravato, 2017: 59).

O *hip-hop* em Portugal surgiu na primeira metade dos anos 1980. José Simões (2010: 9) refere:

Naquela época, a cultura *hip-hop*, enquanto tal, era relativamente desconhecida e o *breakdance* surgia como uma forma de dança com impacto visual imediato e aparentemente sem necessidade de quaisquer requisitos, para além de uma evidente destreza física e sentido rítmico.

Na década de 1990 surgiram as primeiras bandas de *rap* português e, conseqüentemente, alguns foram os êxitos comerciais que se tornaram referências incontornáveis, como o tema *Nadar* dos Black Company. Logo, é no final da década de 1980 e início da de 1990 que o *hip-hop* assume em Portugal contornos de um movimento, devido à presença de um número significativo de praticantes – especialmente em Lisboa e no Porto – que viria a traduzir-se na primeira geração de *hip-hop pers*, nas diferentes vertentes. Tal como aconteceu no resto do mundo, Portugal não fugiu à regra no que toca à ascensão e difusão do *hip-hop*, algo que se justifica pelo crescimento interno do meio e pela sua heterogeneidade (Simões, 2010: 147).

Em Vila Nova de Gaia, o espaço predileto da nossa investigação, o *hip-hop* desde cedo despertou curiosidade nos jovens e, por esse motivo, mostrou ser um movimento de fácil adesão. Nos primórdios da difusão do *hip-hop* em contexto gaiense locais como a Estação de General

⁸² Ressalvamos o facto de o conceito de *hip-hop* diferir nos variados estudos, assim como as vertentes que podem ser consideradas parte integrante do movimento. Nesse sentido, optamos por expor aquelas que são indiscutíveis.

Torres e o Hard Club⁸³ foram espaços essenciais para a propagação do movimento por toda a cidade, dado que eram locais onde os jovens se reuniam para pôr em prática as habilidades constituintes das diferentes vertentes e também para participar em concertos e festas em que o *hip-hop* era a principal atração (Público, 2017)⁸⁴. Recentemente, o Jardim do Morro, tem-se tornado um espaço dedicado à demonstração do talento gaiense nas diferentes vertes do *hip-hop*, assumindo-se portanto como um “espaço digno para jovens artistas de Gaia e da região”.⁸⁵

Artista(s)	Nome do álbum	Ano de edição
Dealema	<i>Arte de Viver</i>	2010
	<i>A Grande Tribulação</i>	2011
	<i>Alvorada da Alma</i>	2013
Mundo Segundo	<i>Mixtape Volume II</i>	2011
	<i>Segundo o Ancião</i>	2014
	<i>Sempre Grato</i>	2016
Fuse	<i>Caixa de Pandora</i>	2016
Deau	<i>Retiessências</i>	2012
	<i>Livro Aberto</i>	2015

Tabela 1: Descrição detalhada dos artistas, álbuns e anos de edição
Fonte: Elaboração Própria.

Nos movimentos sociais características como a linguagem, a simbolização e a narrativa daquilo que se fez ou se faz, o que aconteceu ou acontece, constituem oportunidades de construção e de luta social (Silva & Guerra, 2015: 13). Todas as características mencionadas marcam presença nas letras de canções e podem ser tidas em conta na interpretação das mesmas. Neste sentido, procedemos a uma análise detalhada das canções *rap* através do modo como o discurso é elaborado, quais os interlocutores a que se destinam, os sentimentos que transmitem e os principais temas que abordam. Para esta análise escolhemos nove (ver tabela 1) álbuns lançados no período entre 2010 e 2019 de artistas como Dealema, Mundo Segundo, Fuse e Deau.

No total, foram analisadas 124 canções, sendo que destas sete são instrumentais. Das 117 canções passíveis de contabilização para análise, assiste-se à utilização da primeira pessoa do singular (Eu) em 66,7% das letras. em 23,1% o discurso apresenta-se numa combinação entre o Eu e o Nós. Apenas em 6% das canções o discurso apresenta-se na primeira pessoa do plural (Nós). A presença da terceira pessoa do singular (Ele/Ela) está presente em 7.7% das letras. No que se refere aos interlocutores, os artistas dirigem-se sobretudo a um Tu (singular), ou seja, a uma pessoa específica ou algo considerado individualmente (52,1%). Em 14,5% das letras os artistas dirigem-se a várias pessoas, o que revela a relação existente entre o locutor e o locutário – familiares e/ou amigos – quando tal acontece as letras expressam temas como o amor e recordações de momentos entre estes. O principal objetivo da análise das letras das canções era, portanto, perceber o tipo de mensagens que os artistas escolhidos pretendem passar a quem os escuta e quais os principais temas presentes. São vários os temas que podemos destacar, no entanto, consideramos relevante realçar aqueles que estão presentes em maior número nas canções: em primeiro lugar, a força individual de cada artista, essencialmente na realização daquilo que se propõem diariamente. Em segundo lugar, por um lado, sentimentos de crítica e denúncia de problemas inerentes à sociedade,

⁸³ Funcionou no período de 1997 a 2006 em Vila Nova de Gaia. Desde 2008 encontra-se situado no Mercado Ferreira Borges, na zona histórica da cidade do Porto.

⁸⁴ Informação disponível em: <https://www.publico.pt/2017/02/06/p3/noticia/historia-e-historias-do-rap-do-porto-em-documentario-1827692>.

⁸⁵ Informação disponível em: <http://www.cm-gaia.pt/pt/noticias/dealema-encheram-no-jardim-do-morro/>.

como o trabalho precário, o mundo das drogas, da discriminação e, por outro lado, sentimentos de motivação e amor. Segundo Davide Gravato (2014: 1754) “um MC pode escolher o tema e abordagem que entender, mas o conhecimento de causa de ve partir do que ele experienciou.”, perante esta perspetiva, constatamos que as canções *rap* apresentam elementos de narrativa, ou seja, muitas vezes exibem “o propósito de aconselhar, com uma dimensão utilitária, um ensinamento moral; outras vezes, atêm-se a histórias do quotidiano” (Lourenço, 2010). Assim, denotamos uma possível aproximação de um MC a um narrador (Walter Benjamim, 1983, cit. por Lourenço, 2010), uma vez que assistimos ao relato de acontecimentos que o próprio presencia e vive diariamente

4. Vontade de saber o 4400 – Nova Gaia

Eis chegado o momento de expor detalhadamente os resultados obtidos através da realização das entrevistas – em forma história de vida – a dez jovens *rappers* de Vila Nova de Gaia. De forma introdutória, percebemos que o *hip-hop* é considerado um recurso pertinente nas práticas socioeducativas, uma vez que possibilita a reflexão sobre os jovens que o compõem, assim como os seus contextos, percursos de vida, construção identitária e participação social (Alves *et al.*, 2016: 39). Ao longo da realização das entrevistas optamos pela trajetória escolar/profissional como último eixo de auscultação, isto porque os jovens entrevistados numa fase final da entrevista teriam mais à vontade para abordar questões com teor pessoal, no entanto, aquando da análise preferimos inverter o sentido e colocar esse eixo em primeiro lugar, devido à necessidade de apresentação dos principais atores sociais da investigação. Delineando um breve retrato sociodemográfico dos entrevistados revelamos que os jovens são das freguesias de Avintes, Canidelo, Mafamude e Vilar do Paraíso, Pedroso e Seixezelo e Santa Marinha e São Pedro da Afurada. Todos são do sexo masculino e em termos etários têm idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos. A cidade de Vila Nova de Gaia teve uma ligação muito próxima com o percurso escolar dos entrevistados, uma vez que as escolas que frequentaram se localizam nesta cidade. Apenas um dos jovens entrevistados no momento da investigação se dedicava ao *rap* na totalidade, após a conclusão da Licenciatura em Música, variante de Produção e Tecnologias da Música o jovem encontrava-se no processo de produção do segundo álbum e produção de trabalhos de outros artistas, contudo, o próprio jovem não refere que esta seja a profissão, tal como podemos comprovar pelo excerto⁸⁶ abaixo:

Acabei o curso, também estou a acabar o álbum, vai sair este ano e depois disso tudo amainar vou andar com o resto da vida para a frente (...) ainda não entrei no lado profissional. O pouco lado profissional que tenho é continuar a gravar pessoas, já faço desde os 16 anos, continuo a gravar pessoas em casa, no meu pequeno estúdio.
Miguel, 23 anos, licenciado em Música

Nenhum dos outros entrevistados é *rapper* vinte e quatro horas por dia. A maioria ainda estuda e outros já estão inseridos no mercado de trabalho. Dois jovens abandonaram a escola precocemente, antes do término do ensino secundário. Um referiu que tomou a decisão de abandonar a escola, uma vez que sentia a necessidade de ter a sua independência financeira.

Não que tenha sido vontade dos meus pais eu sair da escola que não foi, óbvio.
Nenhum pai quer que o filho abandone a escola, mas eu própria senti-me na obrigação

⁸⁶ Por uma questão de ética todos os entrevistados foram designados por um nome fictício ao longo da investigação, salvaguardando deste modo, o anonimato e a confidencialidade.

de... ya tipo, eu 'tava na escola e na escola o que eu tinha era aquela situação de pedir dinheiro aos meus pais, então eu a pedir dinheiro aos meus pais sabia que podia faltar com alguma coisa em casa, sei lá, tipo a meio do mês a minha mãe andar aflita para... pronto, meter dinheiro em casa e eu sentia-me culpada por isso, por a minha mãe não ter para me dar a mim. Então, a melhor coisa que eu fiz e não 'tou arrependido disso... por conquista a minha liberdade, senti que 'tava na altura, 'tava com 17 anos e eu senti que 'tava na altura de ambicionar as minhas coisas, não ter que andar 'olha aí oh mãe, orienta aí cinco euros, orienta dez, orienta aquilo' porque todos nós temos as nossas necessidades, não é? Todos nós temos aquela coisa de querer isto, querer aquilo, somos assim, a própria sociedade nos levou a ser assim. Então, eu afastei-me da sociedade e quis eu próprio construir o meu caminho.

Manuel, 22 anos, 11.º ano, área da restauração

O segundo salientou que o facto de ter abandonado o ensino secundário se prendeu com o desinteresse inerente ao universo escolar e, conseqüentemente, a ausência nas aulas. Contudo, este jovem referiu que um dos seus objetivos é voltar à escola para, pelo menos, terminar o ensino secundário. Os restantes jovens, tal como mencionado, ainda estudam, à exceção de um que após o término do ensino secundário ingressou no mercado de trabalho e, atualmente, desempenha funções de fotógrafo, videógrafo e gestor de redes sociais na Escola de Magia do Porto.

Numa fase inicial de modo a percebermos como o *hip-hop*, especialmente a vertente do *rap*, está implementado na vida quotidiana dos jovens decidimos atentar à ascensão ou declínio do movimento na opinião dos entrevistados. Percebemos que a ascensão marca presença e é defendida por grande parte dos jovens, no entanto, a valorização das outras vertentes – *graffiti* e *breakdance* – é aclamada.

Se há coisa que falta no *hip-hop* em Portugal é dar valor às outras vertentes, até para transformar a cultura na algo maior. Neste momento, só o *rap* é que está, infelizmente, só o *rap* é que está, mas acho que é uma questão de tempo também. acho que as coisas já estão a melhorar, temos o Mr. Dheo [writer]... 'tá tudo a melhorar.

Daniel, 20 anos, 11.º ano, área comercial

Esta ascensão, pode ser justificada de acordo com a perspetiva de um dos jovens entrevistados, pelo facto do *hip-hop* nos dias de hoje se ter tornado 'moda' entre as faixas etárias mais jovens. Apesar da visível opinião de ascensão, o declínio também é referido, é salientado que o *hip-hop* em Portugal já esteve no auge, mas atualmente, devido à pouca diversidade encontra-se em declínio:

Acho que estão os dois, sinceramente. Acho que, mais ou menos, há um anito atrás estávamos num ápice, em que as cenas estavam de facto a subir a escola para um nível em que é preciso viver disto, é preciso comercializar isto e basicamente tudo é possível e estávamos no auge (...) Agora, é assim, acho que estamos numa fase em que sinceramente 'tamos a fazer um bocado do mesmo e acho que secalhar corremos o risco de saturação em que acho que vai haver aqui um ponto de quebra e dar origem a um novo estilo.

Salvador, 21 anos, estudante

Perante estas opiniões, a questão surgiu: *o interesse pelo hip-hop, especialmente pelo rap, surgiu em que altura e porque motivos?* Assim, percebemos que o interesse pelo movimento, por parte dos nossos entrevistados, surgiu de diversos fatores, todavia, a influência por parte de atores sociais próximos, como pais, irmão e amigos, assume o papel principal. Os exemplos familiares são recorrentes no dia-a-dia e, no caso de um dos entrevistados, não foi exceção no despoletar do

interesse pelo *rap*. O pai do jovem na adolescência esteve inserido no movimento através de um grupo de amigos que produzia instrumentais e escrevia canções.

Até aos meus cinco anos, seis anos, ele [pai] ainda se manteve bastante ligado à cultura e eu também não consegui fugir. Ele até quando me apresentava um mp3 para eu ouvir música ele já vinha cheio de músicas de *hip-hop* para me dar um bocado de avanço nesse meu gosto, para desenvolver o gosto.

Gonçalo, 21 anos, estudante

Apesar da facilidade sentida por alguns entrevistados em definir como surgiu o interesse pelo *hip-hop*, reparamos na dificuldade que outros tiveram. Um dos jovens referiu que é difícil explicar as razões para o interesse pelo *hip-hop*, ainda que o seu irmão tenha assumido um papel fundamental nesta questão. O facto de haver diferentes vertentes no *hip-hop*, faz com que este entrevistado estabeleça desde cedo contacto com o movimento – seja através do *graffiti* ou do *skate* que se apresentam como gostos pessoais.

Quando vais na rua e vês um *graffiti* e gostas, aquilo já é *hip-hop*, já é uma forma de expressar *hip-hop* ... desde muito novo [surgimento do interesse pelo movimento], mas definindo assim uma idade, foi entre os oito e os dez anos que foi quando comecei a ter as minhas primeiras impressões, até com o *rap* mesmo, surgiu através do meu irmão que é mais velho que eu seis anos, por isso, já ouvia *hip-hop* na altura e deu-me a conhecer.

Leandro, 20 anos, estudante

Constatamos que família e amigos são mencionados em dois momentos distintos das entrevistas: nas influências e no apoio contínuo que dão aos jovens que, atualmente, são parte integrante do movimento *hip-hop*. A família é considerada pela maioria como um dos principais pilares e fonte de apoio, apesar de não terem presente que há indivíduos que fazem do *rap* profissão. O receio de comunicar à família que estão inseridos no *hip-hop* também marcou o discurso dos entrevistados, pois a ausência de ideias sobre o que realmente é o *rap* está presente na vida dos familiares. Apesar de tudo isto, o conteúdo que achamos relevante deste eixo de análise diz respeito, essencialmente, ao factos dos entrevistas encontrarem nos pais *exemplos* de força, luta e coragem para enfrentar os desafios diários. Percebemos, então, que o apoio e os esforços presentes nas famílias se transpõem para a formação de objetivos a serem alcançados pelos jovens. Tomemos como exemplo:

Os meus pais, para mim, sempre foram vistos como uns guerreiros. Nunca renderam os braços, tiveram diversas adversidades na vida e nunca baixaram os braços, então, eu levo-os como pessoas marcantes na minha vida.

Manuel, 22 anos, 11.º ano, área da restauração

Quando abordados relativamente a uma possível ligação entre a cidade de Vila Nova de Gaia e o *hip-hop*, concretamente o *rap*, os entrevistados não tiveram dúvidas na resposta a dar: existe, claramente, uma ligação. Isto porque:

Na altura em que houve a viagem do *hip-hop* americano a Portugal, pela primeira vez, final dos anos 80 e na década dos anos 90, foi em Gaia e no Porto e também em Lisboa que surgiram os primeiros grupos e os primeiros grandes artistas.

Gonçalo, 21 anos, estudante

A verdade é que os entrevistados atribuem um valor importante à história inerente ao desenvolvimento do *hip-hop* em Portugal e à constante presença de *grandes nomes que começaram* [em Gaia] e *tiveram uma ascensão nacional* (Bernardo, 18 anos, estudante). Em tom de brincadeira um dos entrevistados diz-nos:

Pah, as pessoas às vezes brincam que a maior parte das pessoas em Gaia é *rapper*.
Daniel, 20 anos, 11.º ano, área comercial

A dificuldade de explicar a forma como os gaienses encaram o *rap* também é curiosa, ao mesmo tempo que se foca que artistas de outras zonas do país nos concertos que realizam na zona de Gaia/Porto evidenciam que não têm forma de explicar aquilo que sentem. Apesar da clara importância da cidade de Gaia para o *rap*, alguns entrevistados salientaram que, no momento presente, é perceptível uma característica negativa no *rap* gaiense que passa pelo facto dos artistas serem individualistas e não se ajudarem uns aos outros:

O pessoal muitas vezes [é] cada um por si, [e em] Lisboa não se vê tanto, por isso é que também agora a maior parte do pessoal com *buzz* é de Lisboa.
Marco, 18 anos, ensino secundário, fotógrafo/videógrafo/gestor de redes sociais

A ligação entre a cidade e a vertente do *hip-hop* com maior destaque na investigação – o *rap* – foi notória nos discursos mencionados até então, mas encontramos a exceção no discurso de Miguel (23 anos, licenciado em Música). Este jovem considera que:

O *rap* de Gaia, muitas vezes, foi só um apêndice do *rap* do Porto, nunca houve uma identidade distinta, acho que o *rap* do Porto, se olharmos para a zona do Porto como distrito, onde eu me incluo, eu enquadro-me como *rap* do Porto hoje em dia porque Gaia não tem essa identidade.

Apesar desta controvérsia, no que respeita a nomes preponderantes na difusão e consolidação do *rap* na cidade de Vila Nova de Gaia e até mesmo em contexto nacional, os entrevistados, salientaram diversos nomes de artistas gaienses: Mundo Segundo, Mind da Gap, Dealema, Deau, Kap, Barrako 27, Ace, Rato54, SuaveYouKnow, Pi, Mundo Secreto e Pack. Mundo Segundo é artista mais aclamado entre os entrevistados, algo que é justificado pelo facto deste artista gravar muitos jovens no Segundo Piso. Também Deau é encarado como o artista que teve um papel fundamental no reconhecimento do *rap* de Gaia a nível nacional:

Acho que também teve um grande papel porque na altura em que ele [Deau] apareceu também ainda não havia isto das redes sociais, da internet e ele conseguiu mesmo por estar sempre a defender a cena de Gaia e Candal e 4400 e tudo mais, conseguiu levar Gaia a todo os país.
Marco, 18 anos, ensino secundário, fotógrafo/videógrafo/gestor de redes sociais

Tendo em atenção a importância do *rap* em Gaia por parte dos entrevistados, achamos conveniente compreender os seus gostos musicais, mediante artistas gaienses. Assim, optamos por pedir a cada um dos jovens que nos indicassem o seu top 3 de músicas de *rap* de artistas de Vila Nova de Gaia. Percebemos que as escolhas recaem sobre artistas da denominada *Velha Escola* (como Mundo Segundo) e da *Nova Escola* (como Kap). Vejamos a tabela 2, onde apresentamos os resultados discriminados.

Entrevistado	Top 3 – canções <i>rap</i> de artistas de Vila Nova de Gaia
Manuel	Sem informação
Daniel	1. Mundo Segundo – <i>Era Uma Vez</i> 2. Deau – <i>Semente</i> 3. Deau – <i>D.E.A.U</i>
Miguel	1. Mundo Segundo feat Virtus – <i>Da Luz à Escuridão</i> ⁸⁷
Salvador	1. Dealema – <i>Léxico Disléxico</i> 2. Pack Da'Wrong Dude – <i>Quebra Cabeças 4</i> 3. Bruceboy – <i>Cravos</i>
Bernardo	Impossibilidade de definição do seu top 3 ⁸⁸
Gonçalo	1. Gomes – <i>Ilumina-me</i> 2. Lójico – <i>À tua espera</i> ⁸⁹
Santiago	1. Dealema feat Ace – <i>Bom Dia</i> 2. Deau – <i>Andorinha</i> 3. Dealema – <i>Sala 101</i>
Leandro	1. Kap – <i>Deitado é infinito</i> 2. Lójico – <i>Vim do nada</i> 3. Kap – <i>-1a</i> ⁹⁰
Rodrigo	1. Mundo Segundo feat Sam the Kid – <i>Tu não sabes</i> 2. Dealema feat Ace – <i>Bom dia</i> ⁹¹

Tabela 2: TOP 3 canções de artistas gaienses

Fonte: Elaboração Própria.

No momento em que foi pedida a divulgação de três canções apercebemo-nos da dificuldade que alguns entrevistados apresentaram. Compreendemos que esta situação se deve ao facto do gosto musical dos jovens estar em constante mudança. Ainda assim, a transmissão de uma mensagem com a qual os entrevistados se identificam a par da maneira como as canções estão escritas são as razões mais visíveis para a fundamentação das escolhas realizadas.

O meu top 3 varia consoante o meu estado espírito. O meu top 3 pode ser numa semana um e numa semana outro.

Gonçalo, 21 anos, estudante

5. O que esperar do futuro...

Após percebermos a importância que o *hip-hop*, especialmente o *rap*, desperta na vida dos jovens entrevistados e na cidade eleita, decidimos interpelar os jovens no que respeita ao futuro, quer a nível do *rap* em Gaia, quer a nível pessoal, especialmente a nível profissional. Assim, as expectativas para o *rap* gaiense dividem-se em três grandes grupos: as positivas, as negativas e as neutras. Ou seja de acordo com alguns dos entrevistados o *rap* em Gaia tem tudo aquilo que é necessário para ter sucesso no futuro:

Ótimas tanto em Gaia como a nível nacional. Mas mais de Gaia são ótima, pah tem imensos artistas que conheço e até amigos meus pah que não gravam, que não têm nada, mas aquilo para mim, eu 'tar a ouvir e secalhar 'tamos a brincar, mas 'tamos ali a improvisar e 'tamos a fazer uma cena qualquer, portanto eu acho que so tem pra crescer e pra melhorar e o caminho é mesmo pela ascensão [...] não vejo nenhum

⁸⁷ O entrevistado não conseguiu definir o restante top.

⁸⁸ O entrevistado não conseguiu definir o seu top 3, no entanto, salientou o *rapper* Deau como um artista que colocou o nome de Gaia no mapa do *rap* português.

⁸⁹ Para o terceiro lugar do top, o entrevistado escolheu "os projetos ocultos dele [Bruceboy] que eu gosto muito de ouvir" (Gonçalo, 21 anos, estudante). Ou seja, projetos que não estão ao dispor de qualquer ouvinte.

⁹⁰ No final da entrevista, o jovem voltou a abordar esta questão e decidiu modificar as canções dois e três. Assim sendo, em segundo lugar escolheu: Deau – *Andorinha*. Passando a canção do Lójico – *Vim do nada* para terceiro lugar.

⁹¹ O entrevistado não conseguiu definir o terceiro lugar do seu top. Optou por referir um artista: Ace.

impedimento para isso, nós cada vez temos mais meios, cada vez temos mais possibilidade de fazer o que queremos, cada vez há mais liberdade e pessoas a abrirem a cabeça.

Bernardo, 18 anos, estudante

Outros entrevistados afirmaram que devido ao facto das produtoras principais, os meios de divulgação e o acesso facilitado ao mundo do *hip-hop* se encontrar em Lisboa torna baixas as expectativas de futuro:

Sinto que hoje em dia os artistas já não trabalham para dar a conhecer o sítio deles só, mas sim para evoluírem individualmente e, mais tarde, concentrarem-se em Lisboa (...) Lisboa acaba por se tornar, nesta altura, na capital artística em que um artista quando se torna artista vai para Lisboa para se desenvolver.

Gonçalo, 21 anos, estudante

Por fim, existe entrevistados que não tem qualquer tipo de opinião relativamente àquilo que poderá acontecer no futuro, mas salientam a vontade de ver surgir novos artistas e, conseqüentemente, novos e variados trabalhos:

Não tenho expectativas. Não faço a menor ideia do que pode acontecer (...) gostava muito que acontecesse aquilo que acontecia ou aconteceu quando eu entrei no *rap*, que era exatamente haver no sentido de haver muita cena a acontecer aqui, muitos artistas de cá (...) mas o que eu gostava muito que acontecesse era, sem dúvida, que mais pessoas furassem para o círculo *mainstream* e que fosse mais ou menos ao mesmo tempo para que tu conseguisses consentir e perceber o movimento daqui. E haver tipo uns arrastarem-se aos outros e ajudarem-se uns aos outros, isso era o que eu gostava.

Miguel, 23 anos, licenciado em Música

A perspetiva de futuro no *rap* como profissão é vista, por alguns entrevistados, como uma dicotomia. Ou seja, é algo que desejam, mas têm consciência de que pode não acontecer. Por esse motivo, revelaram que apesar de ambicionarem viver do *rap* não é um assunto que gostam de comentar. A fraca expectativa de um possível futuro profissional no *rap* também marca presença. Percebemos ao longo das entrevistas que alguns jovens não veem no *rap* um futuro profissional e responderam a esta questão com firmeza e sem pensar muito. Esta posição é justificada, acima de tudo, pelo facto de não quererem depositar pressão na arte que realizam e pelo facto de poder existir ausência de interesse por parte da indústria e do público nos trabalhos realizados.

As pessoas normalmente ficam com cara de surpreendidas quando eu respondo, mas não (...) ou eu tenho a sorte de o pessoal engraçar comigo e com a cena que eu faço e aí tenho perfeita noção que consigo dar continuidade, ou então se eu nunca passar da cepa torta acho que não há muita forma de andar a lutar por uma cena que eu sei que tanto pode dar, como não dar. Por isso é que também estudo e por isso é que também tenho outras motivações profissionais.

Leandro, 20 anos, estudante

6. Considerações finais

A constante adaptação e moldagem de identidade, assim como a construção e gostos e sociabilidades estão presentes nas diferentes fases da vida dos indivíduos. Encaramos a música – concretamente o *rap* – e as relações de sociabilidade criadas como fatores cruciais para a construção de identidades. A verdade é que os gostos são construídos tendo por base aqueles que nos são próximos e, na maioria dos casos da investigação realizada, o interesse pelo *hip-hop*,

sobretudo pela vertente do *rap*, foi construído através do seio familiar, direta ou indiretamente, constatando a hipótese de que as relações de pares são fundamentais no desenvolvimento dos gostos.

Tendo em atenção o objetivo de perceber a forma como o *hip-hop* está presente no quotidiano dos jovens *rappers*, podemos afirmar que este movimento é crucial para a construção identitária de cada um. Está presente desde cedo nas suas vidas e é considerado como um refúgio e libertador de pensamentos e angústias presentes no dia-a-dia. Concluímos que o apoio que surge dos familiares e do grupo de amigos funciona como a maior fonte de inspiração e segurança que estes dez jovens possuem. Apesar de todas as características inerentes ao *hip-hop*, a globalização e difusão do movimento por todo o mundo levou à alteração de mentalidades e formas de encarar aquilo que o *hip-hop*, especialmente o *rap*, significa para cada indivíduo. Concluímos, portanto, que o individualismo caracteriza o *rap* português, concretamente o gaiense, neste momento.

A opção de analisar detalhadamente o repertório musical gaiense de artistas da Velha Escola tornou-se fulcral para a investigação. Por um lado, tivemos acesso aos principais temas e mensagens presentes em cada canção. Por outro lado, após a realização das entrevistas, reconhecemos que é curioso o facto de algumas músicas analisadas constatem no top três escolhido por cada jovem. Isto leva-nos a concluir que apesar de existir um afastamento geracional entre os jovens e os artistas escolhidos, estes últimos continuam a ter uma influência notória na construção do gosto musical.

Por fim, apesar da importância atribuída pelos jovens ao *rap* um futuro profissional não é visto com certezas, isto devido ao facto dos grandes motores de produção e divulgação se encontrarem em Lisboa. Esta realidade acaba também por diminuir a importância outrora atribuída a Vila Nova de Gaia para a propagação do *hip-hop* a nível nacional. Contudo, é visível a esperança nos discursos dos jovens *rappers* para que Vila Nova de Gaia e, naturalmente o *rap* gaiense, voltem a assumir uma posição de destaque no mapa do *rap* português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, Heliana Castro; Oliveira, Natasha Pompeu de & Chaves, Aline Dessupoio (2016). "A gente quer mostrar nossa cara, mano": *hip-hop* na construção de identidade, conscientização e participação social de jovens em situação de vulnerabilidade social. *Caderno de Terapia Ocupacional UFSCar*. Vol. 24, n.º 1, pp. 39-52.
- Bennett, Andy & Peterson, Richard A. (2004). *Music scenes: local, translocal & virtual*. Vanderbilt University Press.
- Bourdieu, Pierre (1996). *As regras da arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Conde, Idalina (1990). Identidade nacional e social dos jovens. *Análise Social*. Vol. XXV, pp. 675-693.
- Creswell, John (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Guerra, Paula (2010). *A instável leveza do rock*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, Paula & Quintela, Pedro (2018). *O resto ainda é Hebdige*. Hebdige, Dick (2018) - *Subcultura. O significado do estilo* (pp. 3-32). Lisboa: Maldoror.
- Gravato, Davide (2014). *Hip-hop português e sua identidade: Uma leitura a partir do álbum Entre(tanto) de Sam the Kid*. Martins, Moisés de Lemos & Oliveira, Madalena (2014). *Comunicação ibero-americana: os desafios da internacionalização*. Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Gravato, Davide (2017). *Rap em Portugal: comunidades online, lógicas de comunicação e posicionamentos identitários na internet*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.
- Lourenço, Mariane Lemos (2010). *Arte, cultura e política: o Movimento hip-hop e a constituição dos narradores urbanos*. *Psicologia para América Latina* [online], n.19 [citado 2020-06-04]. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X.

Martins, Rosana Aparecida (2012). Associações periféricas de jovens *hip-hoppers* e representações identitárias na cidade. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 24, pp. 65 – 75.

Pais, José Machado (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Silva, Augusto Santos & Guerra, Paula (2015). *As palavras do punk*. Alêtheia Editores.

Simões, José Alberto (2010). *Entre a Rua e a Internet. Um estudo sobre o hip-hop português*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Deau (2012). 4400. *Retiessências [...]*. Porto: WESC. Álbum (CD).

Lídia Pinheiro. Mestre em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciatura em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: lidiapineiro257@gmail.com ORCID: 0000-0002-3789-922x.

Receção: 28-02-2020

Aprovação: 10-07-2020

Citação:

Pinheiro, Lídia (2020). Conhecer a Nova Gaia - 4400. O hip-hop e a consolidação das cenas culturais juvenis em Portugal. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 3(1), pp. 91-104. ISSN 2184-3805 DOI: 10.21747/21843805/ta3n1a7